

### III. Representação do ex-interno sobre o internato

Sonia Altoé

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALTOÉ, S. Representação do ex-interno sobre o internato. In: *Menores em tempo de maioridade: do internato-prisão à vida social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 24-51. ISBN: 978-85-99662-95-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

### **III. REPRESENTAÇÃO DO EX-INTERNO SOBRE O INTERNATO**

#### **1. Interpretação positiva do internato**

Os ex-internos valorizam sua passagem pelo internato, sobretudo, quando consideram que foi importante ter um local que os acolhesse, uma vez que seus pais passavam por dificuldades financeiras, ou por serem órfãos. Ter moradia, roupa e alimentação é considerado importante para que não ficassem perdidos pela rua e virassem” marginal”. A enorme gratidão e a representação da FUNABEM como sua família está especialmente referida a estes aspectos.

Sempre que os ex-internos falam do internato como tendo lhes oferecido “coisas boas” se referem particularmente ao estudo, lazer e brincadeiras com colegas. A possibilidade do lazer – jogar bola, tomar banho de piscina, ver filme, ir ao Maracanã e outros passeios – é a referência mais clara que positiviza a passagem pelo internato, uma vez assegurado a alimentação, casa e roupa. As recordações de brincadeiras entre colegas, traquinagens, e “escamar”, para viver pequenas aventuras, são sempre referências positivas que se revelam, sobretudo, quando o entrevistador pergunta a respeito. A oferta de lazer e a brincadeira são situações consideradas típicas da experiência de internato em contraposição com a vida dos pais na qual estas situações são consideradas impossíveis.

O estudo e o ensino profissionalizante são valorizados por todos. São, entretanto, alvos de inúmeras críticas, salvo por aqueles que tiveram a experiência de passar por uma escola modelo da FUNABEM. Estas escolas são percebidas como oferecendo uma qualidade de ensino semelhante às de crianças de “classe rica”. Em consonância com a fala sobre o estudo, essas pessoas tiveram aparentemente uma maior facilidade de trabalho e se encontram empregadas no momento. Entretanto, o que se observa é que entre os entrevistados são raros aqueles que trabalham em profissões aprendidas no ensino profissionalizante. A especialização em artes gráficas parece ser a que mais favorece o emprego. Apesar do ensino

escolar e profissionalizante serem considerados “fracos” ou inadequados, podemos considerar que é um dos aspectos valorizados da vida no internato, mesmo que seja evidente que, uma vez desligados, a baixa escolaridade e/ou formação profissional precária não lhes favorece a entrada no mercado do trabalho.

O internato também é visto como o lugar de vida boa, de “mordomias” e “regalias”. Isto se refere, sobretudo, à qualidade de vida material que desfrutam. Há também uma idealização da escola – em particular da escola modelo – onde a uniformidade da instituição total é percebida como lugar de igualdade – “todos são iguais perante a lei”. Neste sentido a vida aqui fora é percebida como “uma selva”, como o reino da diferença e da desigualdade.

Lá dentro do colégio é tudo igual, entendeu? (Chora) (...) A gente fica doida para sair, mas quando a gente sai, vai compreendendo mais e aí a gente vê que aqui fora é horrível. É uma selva mesmo! – Só tem bicho querendo comer a gente e lá não é nada disso. Lá todo mundo é igual, sabe? É bom por causa disso. Todo mundo é igual. (Maria, 31 anos).

O afastamento da família “desestruturada”, “alcoólatra” e que passa por enormes dificuldades financeiras também positiviza o internato. Internas não tiveram que conviver com esta realidade e puderam, inclusive, encaminhar suas vidas de forma diferente da de suas mães. Esta representação se refere especialmente às mulheres que tiveram a oportunidade de permanecerem num mesmo internato durante todo o tempo, estudar em escola pública, se profissionalizarem e logo conseguirem emprego após o desligamento.

Um outro aspecto positivo da experiência de internação se refere às orientações, conselhos, atenção e carinho recebidos de um funcionário que ficou seu amigo, ou como muita das vezes denominam “seu padrinho”. Ter um “padrinho” parece transformar toda a experiência da vida nas Escolas da FUNABEM. Esses, como também aqueles que mantinham um apoio familiar, são os que nos parecem poder situar e organizar melhor sua experiência de vida no internato. Eles conseguem ter mais discernimento sobre seus sentimentos contraditórios em relação ao internato.

O aprendizado da disciplina também é valorizado como que facilitando sua vida na sociedade. Esses tendem a fazer esta positividade após o desligamento, como tendo ajudado-os a passar de “criança” a “adulto”.

– Olha. A gente apanhava muito, sabe. A gente tinha um castigo severo. Tinha uma coisa assim chamada é ... Eles eram muito severo, muito ... Hoje já não tem mais disciplina. Em vista do que era antigamente. Acordava cinco horas da manhã prá sete horas poder estudar. Entendeu? Então, era a maior dificuldade, a maior barra. Fora de série. Eu apanhava muito. Eu também era muito arteiro, muito bagunceiro. Não só eu como os 450 alunos que tinha lá dentro dessa unidade.

– Ah! Se você fazia muita bagunça, se você fosse suspeito, você apanhava. Não é como se apanhasse de um garoto, mas como se apanhasse de um homem. Eu lembro de fatos assim, de inspetores chegar prá mim e bater sabe. Às vezes com razão. Mas dentro da razão dele, eu não aceitava, porque eu era garoto não aceitava apanhar. Quem vai aceitar apanhar? Mas hoje, eu tiro aquilo como uma escola-disciplina para mim, sabe. Me ajudou muito também. Mas em si, eu olhava, eu, quer dizer, no período da adaptação, eu não via aquilo. Sei, era minha casa. Eu bebia, comia, dormia, estudava. Estava fazendo uma profissão. Mas não tinha contato real com a vida daqui de fora, né! (Fernando, 25 anos).

Apesar das críticas (como veremos mais adiante), que os ex-internos tecem à vida no internato, eles tendem a valorizar o tempo passado ali como uma etapa necessária para viver.

Dou graças a Deus por ter passado pela FUN ABEM. Eu aprendi muito. Se tenho uma cabeça boa é porque eu vi muita coisa. A minha maior faculdade é a vida. Foi ter vivido todas essas coisas. E eu acredito que é nas horas mais tristes, nas experiências mais amargas que se tem condição de se tirar as melhores coisas, as melhores avaliações. Eu por ter passado pela FUNABEM ... eu não tenho nada contra a FUNABEM, só tenho a agradecer. (João, 31 anos).

A experiência vivida parece não gerar uma ambivalência de sentimentos, mas, na fala dos entrevistados, a contradição acompanha os depoimentos que contêm uma interpretação positiva. É como se as críticas fossem dicotomizadas da gratidão. Parece não haver conflito

– ao mesmo tempo que tecem críticas duras, se referem à experiência de internato como tendo sido “boa”. A mágoa ou o ressentimento, em geral, se refere a uma situação específica, aos castigos, à violência física.

Se por um lado consideram a experiência vivida como uma etapa necessária, todos os entrevistados observaram que não permitiriam a internação de seus próprios filhos. Nos parece que esta forma de considerar a questão expressa uma crítica severa à vivência no internato. Neste momento não se considera as coisas boas mas, sim, se reprova a experiência como um todo. É uma reprovação que está além dos motivos, das palavras. É uma reprovação global da experiência.

W – Eu gostei. Eu tinha que passar por aquilo. Eu não sabia que eu ia passar por essa vida. Eu acho que tudo que a gente passa nessa vida é porque a gente tem que passar.

E – E se você tivesse opção, você passaria novamente?

W – Não. E também não deixaria meu filho passar. Não, pelo menos pro meu filho, não. Eu acho que foi mais um desespero da minha mãe. (Walter, 20 anos).

O que nos parece importante é que na representação positiva do internato, os ex-internos, apesar das críticas contundentes que fazem ao funcionamento do internato, eles mantêm uma imagem, como que idealizada, da mesma forma como nos parece manterem preservada a imagem da mãe ou da família, mesmo quando já perderam todos os laços com ela. Representar a FUNABEM como algo positivo, parece-nos, sobretudo, uma necessidade de preservar uma instituição que lhes permitiu a sobrevivência frente ao abandono ao qual foram relegados.

## **2. Interpretação dissonante das normas inculcadas**

Dentro da representação dos ex-internos encontramos um paradoxo importante. Se eles percebem a instituição como positiva, entretanto, sem exceção, eles afirmam que não colocariam seu filho no internato. Mesmo que não consigam tecer argumentos para tal afirmação, é sempre carregada de emoção, silêncio ou choro. Outros enfatizam a falta de carinho dos funcionários e a ausência dos pais,

como fatores que os fizeram sofrer muito. E assim se referem ao tempo do internato como uma fase da vida da qual não querem pensar, preferem esquecer. Nessas horas é como que se surpreendessem de estarem falando sobre suas próprias vidas e muitos comentaram que era a primeira vez que assim falavam. Neste sentido, ficamos com a impressão que é uma experiência de vida que fica reprimida sem chances de maiores elaborações por parte de cada indivíduo. Ele tem que “tocar a vida prá frente”, sem olhar para trás, porque não há o que rever. E “tocar para frente”, significa para muitos algum lugar sem rumo; para outros, é pensar o futuro dentro das perspectivas de trabalho que têm no momento, e para alguns poucos existe a possibilidade de estudar, de mudar de trabalho, de ter algum projeto para o futuro.

Várias situações são percebidas pelo ex-interno como experiência negativa. A principal queixa é a falta de carinho, a falta de conversa e diálogo com os funcionários dos estabelecimentos. Em oposição ao carinho e atenção, falam das ordens arbitrárias e “absurdas” que recebiam e tinham que executar. Reclamam não só da falta de liberdade para conversar com os funcionários, como com os colegas em momentos de reunião natural, por exemplo, nas horas de refeições. O que chamam de “regime caxiado” é uma forma de resumir todos estes constrangimentos artificiais e desnecessários ao funcionamento institucional.

O atendimento massificado, a desconsideração pela individualidade de cada interno, o uso de uniforme, a impossibilidade de fazer qualquer tipo de escolha, ter que viver a rotina e a “igualdade” entre os colegas dentro de regras bem definidas e rígidas – tudo isto é percebido como marcas negativas da vida no internato. A festa de aniversário do mês também era vivida como parte dos rituais de grupo e não como uma comemoração de uma data única que marca sua existência.

– Marcou porque (chora) você tinha que ser o tempo todo igual a todo mundo, né? Porque era muita gente, era aquela massificação só, tinha que ser igual, tinha um monte de regras. Você não podia dizer que não gostava de um legume. “Todo mundo comeu, todo mundo tem que comer!” “Essas coisinhas pequenas assim. Roupa, todo mundo igualzinho. Você não

podia escolher a roupa que você queria usar. Todo mundo de roupa igualzinha, uniforme o dia inteiro. (Eliza, 19 anos).

A falta de diálogo, de serem reconhecidos como pessoa, e não considerados como um número ou “presidiários”, marca a maioria dos indivíduos. Este sofrimento enorme, que muitos nem sequer identificam sua origem, massacra os mais sensíveis, ou aqueles que encontram menos possibilidade de se situarem nessa experiência, e nos parece marcar o indivíduo para sempre.

– O que eu acrescentei a mim de bom, foi eu mesmo, porque não tinha ninguém para me orientar. As coisas boas eu aprendi mais foi depois que eu vim para cá (no trabalho). Porque lá, eu sabia que não podia fazer isso, isso, isso e aquilo, porque ia se dar mal. Porque veja você, diálogo assim, conversar na escola assim, eu não conversei não. Com ninguém, eles não conversam, eles visam o Colégio Interno muito como se fosse um presidiário, sabe, não tem ninguém para conversar. Porque o pessoal fica ali preso; vai sair dali quando não tiver nada para fazer, vai fazer besteira. A tendência é piorar (Luis Carlos, 24 anos).

As poucas referências que surgiram em relação ao trabalho dos técnicos – assistente social e psicólogo – foram referências de descaso, desatenção e de um trabalho voltado para o funcionamento organizacional e não para o benefício do interno.

A disciplina, o castigo, a violência física (como veremos com mais detalhes adiante) e o ócio também são representações de situações negativas e de sofrimento. A referência ao ócio – “mofei muito lá” – nos falado pouco que ganharam com a experiência do internato e do tempo perdido sem estudar, trabalhar ou aprender a ter autonomia.

O furto de roupas pessoais ou de cama, como também de objetos por parte dos colegas, e considerado sem solução no funcionamento institucional, também é visto como uma situação geradora de conflitos.

– Eu tinha muitos amigos, tinha também um amigo que não gostava da gente e toda hora brigava, queria tomar as nossas coisas e eu não deixava. Porque o colégio interno é a lei do cão. Se a senhora tiver um negócio desse aqui, e outro pedir

para ver, e a senhora deixar, perde, toma e se não tiver disposição para reagir, para tomar aquilo que é seu, não deixar eles tomar, perde tudo, fica só de short. Igual eu vi muitos alunos lá perder tudo, a visita deles vinha, trazia aquela bolsa de compras pra ele, biscoito, leite, coisa de alimento, então, os alunos mais pobres tomavam as coisas deles. De mim eles não tomavam porque eu era um sarna invocado, eu era um sarna invocado. (Benedito, 39 anos).

A seguir vamos falar de algumas referências que foram muito enfatizadas em vários depoimentos como uma representação crítica do internato: a transferência, a disciplina, a violência física, o castigo e a violência sexual.

### – *Transferência*

A transferência de internato é uma das situações percebidas pelos ex-internos como tendo trazido sofrimento. Como se expõe em outro estudo (Altoé, 1990), a transferência é realizada sem maiores cuidados e avisos àqueles que vão ser transferidos. Os internos são chamados e colocados num ônibus, sem que inclusive os seus pais sejam avisados. Perdem os laços de amizade com funcionários amigos e mesmo com irmãos. A transferência só não é vista como negativa quando eles podem compreender seu mecanismo e sabem para que escola seguem. Este exemplo é singular e se refere a um conjunto de escolas situadas no mesmo terreno. Consideramos que a transferência vem reforçar no interno o sentimento de descaso das autoridades institucionais, desconsideração e desrespeito pela sua pessoa. São manipulados conforme a necessidade do funcionamento organizacional.

– Não perguntavam nada. Eles escolhiam assim, pegava a lista e por exemplo, se meu nome tivesse nessa lista, eu ia de bobo com eles, ia transferido. Eles não separava os alunos, pegava um montão assim e chamava fulano, fulano.

[Nessas transferências você perdeu o contato com os seus irmãos ou ...]

– Ah, perdi. Eu fiquei 5 anos sem ver os meus irmãos. Foi esquisito a pampa! Você se sentir isolado, só ver aquele monte de garotinho, tudo pequenininho assim ... (Benedito, 39 anos).

– Lá no colégio acontecia muito isso de transferir. O papel nosso ia todo pro outro colégio. E quando você chegava no

outro colégio, se você analisar bem, o colégio interno é tipo uma cadeia. A pessoa chega num presídio, todo mundo te olha diferente. Te bota lá dentro e diz: isso, isso e isso. O inspetor ao invés de apresentar o aluno, apresentar assim pra conversar, mostrar a instalação do colégio, não! Chegava, jogava o aluno lá dentro! (Haroldo, 20 anos).

Esse funcionamento institucional de muita mudança de internato nos parece não se justificar organizacionalmente. A única justificativa possível é impedir a criança e adolescente de criar laços de amizade, desenvolver relações afetivas e se situar no mundo. É frequente que sejam transferidos a cada ano ou a cada dois anos.

– O que você achava dessas transferências?

– Eu achava muito assim, um sentimento, uma saudade que tive da escola. Os amigos que tive, os colegas que tive também. Eu quando fui transferido, eu chorei, de uma escola que eu gostei mais que era Caxambu, em Minas. Eu chorei porque era uma escola que eu gostei. Eu não vou dizer, eu sou uma pessoa assim, que eu senti uma escola ruim. Eu não gostei não. Não, eu não, eu sempre gostei de uma escola e sempre quando fui transferido eu sempre deixei a saudade, eu deixei uma alegria com todo mundo”. (Claudionor, 20 anos).

– E você sentiu muito essa transferência?

– Senti porque a gente tá acostumado num colégio. É a mesma coisa você está acostumada a morar num certo lugar – você já conhece o ambiente, já sabe a malícia daquele bairro todinho, né! Então depois, quando você se muda dali e vai para outro até você se firmar, fazer conhecimento com o pessoal, você sente a distância do pessoal, você não conhece ninguém, então você não pode puxar um assunto com uma pessoa se você não conhece. Então eu sentia muito, mas procurava sempre fazer aquela amizade porque a gente reencontrava velhos amigos que já passaram pelos mesmos colégios que já passamos. (Juliano, 18 anos).

– Eu achei que uma transferência é uma coisa assim que ... Acho que eles fazem assim porque eles vão tentando mostrar aos alunos que não só existe aquela escola que ... porque às vezes, o ‘cara’ se amarra na escola. Gosta da escola, ele pensa que aquilo nunca vai acabar para ele entendeu? Aí vão sempre transferindo para o ‘cara’ conhecer, vai conhecendo outras pela frente, entendeu? Aí o ‘cara’ vai desenvolvendo a mente,

vai ver que não vai ficar sempre num lugar só, entendeu? É isso que eu penso.

– Assim que você viveu isso?

– É, vivi, estou vivendo. (Ricardo, 18 anos).

Este último depoimento sugere que a Política de Bem Estar do Menor ao mesmo tempo que pretende oferecer um local onde o menor tem sua sobrevivência e educação asseguradas, através das transferências, lembraria ao indivíduo que aquela” mordomia”, como dizem os internos, não está assegurada na sociedade. É um aprendizado de perdas, de que nada é seguro ou constante, como na verdade um grande grupo deles vai viver a vida ao ser desligado. É como Ricardo está vivendo: tem 6 meses de casa e comida assegurados na Associação Irmão Esperança e depois nem ele, nem ninguém, sabe qual será seu destino. Este aprendizado se faz desde a primeira infância nas constantes transferências de internatos.

### – *Violência Física e Disciplina*

A violência física é uma questão importante nos depoimentos dos ex-internos. Não só o espancamento, como também o castigo arbitrário do inspetor. O castigo geral, onde todos são culpados por uma falta cometida, é particularmente visto como uma violência que tem consequências importantes no sujeito – traz mágoa, ressentimento, revolta.

– Mas existia muita covardia por parte dos funcionários. Covardia, espanca em excesso. Uma coisa que atinge a coletividade sempre me machucou. Eu acho que se Pedro feriu Paulo, porque Joaquim vai pagar? (...) Os castigos eram diversos. Hoje eu acredito que não se vê mais. Naquela época chamavam de agulha – ficar com o dedo na parede, ou seja, o corpo a um metro da parede e o dedo na parede muito tempo. Ou então, em pé com o corpo imóvel na posição de sentido, como é a posição do militar, sem se mexer uma hora, duas horas se necessário fosse. A turma toda ficou assim. Aquilo incomodava, porque geralmente era uma hora em que todo mundo ia dormir. Por exemplo, então eles colocavam o pessoal assim de 8 horas até 10 horas da noite. E o pessoal querendo dormir, cansado e aquilo então incomodava, criava uma certa desordem na cabeça das pessoas. Certa desordem porque quando se paga por uma coisa que não se cometeu a

gente, é difícil de se explicar, não aceita. A gente recebe a punição e automaticamente se pune porque a gente não tá aceitando aquilo, mas tem que passar por aquilo. Então de qualquer maneira, psicologicamente nós estamos também nos punindo, só em aceitar aquilo. Então, porque o normal seria a pessoa dizer: “Eu não fiz e não vou ficar”. Mas isso acarretaria numa coisa chamada “bolacha”. O pau comia se fizesse isso. Então a pessoa ficava lá se martirizando pela aquela coisa. (João, 31 anos)

A referência à disciplina sempre surge como sendo rígida e militar. A disciplina vem, invariavelmente, associada às formas de punição, uma vez que as pequenas faltas disciplinares são tratadas com castigos diários. A punição severa muitas vezes não se relaciona à falta cometida, mas ao rigor ou à raiva do funcionário.

– A escola era ruim. Tinha uma coroa lá que era ruim. Batia nos outros na boca do estômago. Porque nego xingava na sala de aula, cochilava, dormia, fumava cigarro. Eram seis apitos. Um apito só para a geral. Se mexeu, chama e dá ideia. Dá a segunda ideia. Chegou a terceira ideia, entra para um cubículo e é só borrachada ... Bota areia na borracha e dá. Eles ficavam todos marcados. Nunca apanhei disso não ... A gente fugia porque lá eles batiam muito. Se não trabalhasse eles batiam muito. (Justino, 17 anos).

Associada à ideia de disciplina e castigo, vem a submissão à ordem da qual parecem não poder escapar:

– Transgressão era, por exemplo: botava a gente na fila e a gente não ficava na fila, saía, não queria comer, fugia, pulava o muro e quando era pego ficava de pé à noite toda ali. Se arreasse, se reclamasse, apanhava mais ainda. Quer dizer, tudo isso foi revoltando, revoltando, revoltando a gente, que eu até saí do quartel. Até do quartel eu fui expulso, até do quartel. Porque eu não bancava esse negócio de ordem entendeu? Da gente ficar me mandando. Eu nunca gostei disso. (Benedito, 39 anos).

A entrada na ordem, ou, a “cidadania à porrete” parece ser um dos principais resultados das ações educacionais nos internatos. O pior é que, além do “porrete”, os indivíduos são tão despossuídos de tudo que os situe no mundo, que este atendimento no internato,

sobretudo nos últimos dez anos, parece servir só para massacrar e torná-los amansados, ineptos, ou jogá-los para o mundo do crime, como veremos mais adiante.

O castigo exagerado, indiscriminado, resulta por levar à revolta e ao ódio. São situações que marcam o indivíduo durante o tempo de internação e após o desligamento. A disciplina muito rígida, a submissão à ordem sem direito à contestação não educa, não forma os indivíduos. Pelo contrário. Toma-se dependentes, infantis, sem possibilidade de desenvolverem um pensamento crítico e, muitas vezes, incapazes mesmo de se adaptarem a uma outra instituição total, como as Forças Armadas.

– O regime de lá é tipo militarismo, tem que ficar em sentido, não pode se mexer. Se você se mexer, você é anotado no caderninho preto do inspetor (...) Todo sábado o pessoal que foi para a varanda, ficava em pé de uma hora às três da tarde. Em pé de sentido mesmo (...) até a hora que ele achasse que está bom o castigo. Eu achei que eles pensam que assim vai educar. Eu acho pelo contrário, isso vai fazer com que a gente fique mais revoltado. Como no caso, muita gente tinha vontade de esganar os inspetores. Só não esganava porque não tinha como atacar eles. Mas muito pessoal tinha vontade de esganar. (João Carlos, 20 anos).

Um outro aspecto da disciplina existente nas instituições totais que se evidencia no internato é o controle da locomoção e do uso do espaço que também é vivido como um constrangimento importante. É necessário pedir licença não só para ir ao baile à noite, mas também para sair para visitar a mãe. Não voltar da “saída” no dia marcado pelo internato era considerado falta grave e por isso não eram recebidos mais na escola. Muitos tiveram que passar de novo pelo processo de triagem e se viram jogados por alguns meses na triagem de adolescentes considerados delinquentes, até que pudessem desfazer a confusão, na qual se viam envolvidos.

– Seu espaço é esse aqui, sabe? Se você passar dali, daquele portão, você já estava cometendo um ato de indisciplina, entendeu? Você já está cometendo. O que você está fazendo aí? Ele perguntava. ‘Eu estou vendo a paisagem’. ‘Seu lugar é aqui, vem embora’. Aí, se você respondesse, você já estava, sabe ... Lá era um local cercado de morro. Um lugar muito

bonito, mas cercado de morro. Se você estivesse em cima de morro, você já estava- gente usava muita gíria – escamado. Escamado era estar longe, distante do local, dentro de sua localidade. Se eu tivesse ali, já estava escamado, era como a gente usava. (Fernando, 25 anos).

### – *Violência Sexual*

Desde a entrada no internato o “menor” sofre diversos tipos de violência, seja por parte dos rituais institucionais (perda de objetos pessoais, roupas, etc.), seja por parte dos colegas com quem é obrigado a compartilhar seu espaço e tempo. Vamos considerar aqui, particularmente, a violência que eles vivem realizada pelos próprios colegas que já estão internados há mais tempo e têm mais idade. Ser roubado nos poucos objetos pessoais que lhe restaram no ritual de entrada é algo comum e frequente. A outra violência a qual são submetidos, e que os ex-internos deram relevância como expressão de uma vivência negativa do internato, foi a “violência sexual” ou a ameaça de, na “ronda à cama” de quem dorme. Sentem-se desprotegidos pelos esquemas de proteção dos agentes institucionais e, em geral, falam da questão fazendo a ressalva de que eles próprios nunca foram vítimas dessa violência. Parece-nos, entretanto, que esta negação ocorre com o objetivo de assegurar ao entrevistador que eles “são sujeito macho”<sup>9</sup>.

– ... é questão de eu ter passado lá e ver como é tratada uma pessoa, um colega. Entrar de primeira assim, as pessoas gostam de aproveitar, entendeu? Gostam de experimentar, achar que a pessoa vai dar mole e tal. É violência sexual, roubo. Fazer a cabeça do cara, fazer o cara virar viado, fazer o que o cara quer. Nunca passei por isto não. Nunca deixei ninguém entrar numa comigo, sempre respeitei todo mundo e todo mundo me respeitou. (Ricardo, 18 anos).

– Eu, quando era pequeno, tinha muito medo de alguém fazer alguma coisa comigo. Por nunca, eu nunca fiz o ... sexo com o mesmo sexo. Então eu ficava com medo de alguém fazer em mim. Até no ato de dormir, sabe. Ou se você estivesse no mato, caçando passarinho, se você encontrasse dois rapazes

grandes. Se ele não fosse uma pessoa humana, assim humano em termo de sentimento, ele ia fazer uma maldade com você. Então, a gente quando é menor, tava sempre com medo, entendeu? Era uma barreira que a gente tinha. Você dormindo, uma pessoa era capaz de fazer uma maldade com você. Eu até meu período de 15 anos, eu tacava faca, pegava pau, tacava num colega que quisesse fazer maldade comigo. Então, eu brigava assim ... pra me defender por causa de uma maldade, sabe. Porque a gente estava sujeito à tudo. Depois que você vai crescendo, vai tomando um corpo, você dialogava mais, encarava mais os grandes, você já tinha um respeito. Mas fora isso, era uma situação muito chata .. Eu apanhava muito na briga. Mas também eu não dava o braço a torcer. (Fernando, 25 anos).

– Eu ainda tenho um pouco de lembrança que eu gostei na minha infância, e um pouco de desavença, em vista que você não podia dormir direito. Eu não sei; quando eu era pequeno o pessoal me achava muito bonito. Então, lá o pessoal é assim, só criado no meio de homem você sabe, né! Tem as professoras, mas não é a liberdade que a gente tem com a professora, não é a liberdade que nós temos com um homem. Então aquele lance, né! O pessoal me achava ... pelo menos eu penso assim, como muitas pessoas já falaram que eu sou bonito, então, o pessoal me achava bonito, sabe, quando eu era pequeno. Então queria fazer assim ... eu não podia dormir de bruços, não podia dormir assim, se um dormisse de bruço de noite alguém ia me fazer saliência sabe – a gente falava saliência. Então a noite alguém ia querer fazer coisas erradas comigo né? Então eu tinha que dormir de rosto para cima. Os próprios alunos, os mais fortes, geralmente os que não têm nada na mente pra fazer. Eu acho que achavam que aquilo era o divertimento, sei lá. Então, você não conseguia dormir, tinha que dormir reto, de vez em quando dormia legal, porque tinha um inspetor, uma ronda, porque lá sempre botam três rondas pra não haver essas coisas que vinham acontecendo. A pessoa chega ir na cama do outro pra fazer safadeza, não deixar o outro dormir. Então eu não dormia direito e até o último colégio que eu fui, eu não conseguia dormir direito. Sabe você tem que dormir de rosto coberto pro pessoal não botar o pênis em teu rosto entendeu? Essas coisas assim, num ficar fazendo essas besteiras com você. No último colégio que eu passei, o pessoal cortava até a calça do pijama pra poder fazer

<sup>9</sup> Todos as entrevistadoras foram do sexo feminino, o que pôde trazer alguma dificuldade na obtenção desses dados.



sacanagem, você dormindo você não tá nem ligado nisso, você tá com sono, né? Então muita coisa, isso aí, eu guardo assim com ódio sabe, mas às vezes eu acho que o culpado não é o aluno é a própria disciplina do inspetor, porque podia dar mais liberdade ao aluno, porque lá era assim: só podia sair de 15 em 15 dias ... (João Carlos, 20 anos).

A violência sexual é um assunto pouco considerado nos estudos sobre os internatos. Nesses estabelecimentos, as autoridades consideram este tipo de violência como um desvio do comportamento do interno e a questão é tratada somente pelo ângulo de punir o indivíduo desviante (Altoé, 1990). Raros são os internos ou ex-internos que percebem que a dinâmica institucional favorece a existência da prática de violência sexual.

A experiência homossexual, vivida como uma violência sexual, certamente marca os indivíduos de diversas maneiras. Um relato muito significativo de um dos informantes nos fala, não só das relações sexuais entre os colegas, entre colegas e funcionários, como da prostituição masculina. No caso, como podemos ver no seu relato a seguir, a prática de “prostituição” se iniciou quando ainda estava internado e continuou após o desligamento.

– Olha, as lembranças marcantes que eu tenho (do internato) ... nenhum sabe. É ... só o ... quer dizer, aqui fora existe o homossexualismo, o tóxico, estupro, a bandidagem ... A única coisa que me atingiu foi o homossexualismo, sabe? (...) Eu comecei a frequentar a Quinta da Boa Vista, eu gostava de ir de dia. De noite eu ia para lá com outros homens, contatos, às vezes por dinheiro, entendeu? Foi onde eu me fracassei mesmo ... Tava ainda na FUNABEM, mas a FUNABEM até hoje não sabe de nada. Pra FUNABEM, isso foi uma coisa que me marcou pessoalmente. Ex-aluno nenhum tem nada a dizer a meu respeito. (...) Lá sempre teve isto. (...) Porque lá dá o termo que eu não sei se posso usar aqui, é encubado. O cara é homossexual, ou é viado, mas ninguém fica sabendo. É encubado, no sentido de ninguém saber, ele é, mas não faz ... Não, ele faz, mas perante as pessoas ele é um machão (...) Muitos não fazem para ganhar dinheiro. Faziam porque gostavam. (...) Então você saía para namorar e não pintava uma namorada, você tinha um lado fraco da vida e aí se prostituía. (...) Eu não fazia mais pelo dinheiro, eu fazia mais

pelo carinho, afeto, né? Eu conquistava o coração da pessoa, a pessoa se aproveitava de mim, eu também me aproveitava e tinha relação. (César, 30 anos).

Apesar de negar inicialmente que se prostituiu por necessidade de dinheiro, mais adiante no seu depoimento, ele fornece dados claros que confirmam sua necessidade de ganhar dinheiro, além do prazer que ele possa tirar deste tipo de relação.

– Então aí eu comecei a trabalhar e continuei com o homossexualismo e por infelicidade minha eu conheci o Mauro, ali na Candelária. Eu trabalhando ali, ele parece até com o Ivon Curi. Com ele eu tinha vontade, eu comecei com o homossexualismo e passei a ser homem bissexual – o homem que gosta de homem e gosta de mulher, entende? O Mauro foi uma pessoa que eu tive relação com ele durante 6 anos. Eu acabei com ele agora. Com ele foi por dinheiro. Ele me viciou pelo dinheiro... Mas eu passei a gostar dele só que ele não entendeu ... Pagava... Mas parei com ele porque ele já tem cinquenta e poucos anos. Tem 54 e eu tenho 30. Em vez de ser eu mais machão do que ele, ele é que tava ... Porque o lado de tóxico dele. Ele faz as três coisas: fuma, bebe e transa. Quer dizer, você que é um cara que só transa, você não tem condições de pegar um cara desses. Você manter relação sexual com ele, na hora a sua potência ... Você transa com o cara, transa e na hora o cara não ... Eu resolvi parar com 30, parar porque para mim, a família que existe, a minha mãe morreu. (...) O Mauro nunca me ajudava em emprego, sempre que fiquei desempregado, eu continuava transando com ele, mas ele me explorava, ele aproveitava do meu fracasso; eu ligava para ele, queria dinheiro, ele sabia que eu estava duro, aí transava da forma dele, me dava grana, sempre aumentando o dinheiro, pagando muito a mais que os outros caras. Porque esses caras pagam mais. No caso, quando você tem uma pessoa certa, eles pagam mais, eles te oferecem o sexo dele, não o que você faz (...) Os alunos procura como Refugio, é como eu falei, em termos de homossexualismo. Tudo hoje em dia na vida do ser humano é um Refugio. Você procura um Refugio para preencher um vazio. (Cesar, 30 anos).

– “*Ladrão, Viado, Estudante ou Trabalhador*”

A representação crítica e de sofrimento da experiência de vida nos internatos da FUNABEM é resumida de forma dramática por um dos entrevistados. Poucos entrevistados falaram sobre o uso de tóxico no internato. Aqueles que abordam esta questão, se referiram a ela como sendo uma prática comum e veiculada pelos colegas. Ele fala, em tom de revolta e sem esperança para o futuro, das pressões as quais um interno pode sofrer dentro dos internatos da FUNABEM e frente às quais não encontra qualquer possibilidade de escapatória ou fuga. Frente aos constrangimentos e violências, tanto dos inspetores como dos colegas, ele nos dá um retrato do desespero a que esta situação de intenção pode levar o indivíduo.

– FUNABEM, pô o cara tá lá, pô o cara tem que ser forte, tem que ser forte mesmo! Porque lá, o cara sai de lá ladrão, ou o cara sai viado. Ou o cara, sai estudante ou trabalhador. Porque lá os cara faz força mesmo, insiste mesmo: aí fuma isso aí – um baseado aí e tal. O cara vai, – ‘não tô afim’, diz. O cara tem que ser forte mesmo, segurar mesmo porque se o cara fumar, a vida dele acabou. Fumou a primeira vez, aí não tem não. Daquela fumo que você me deu naquele dia. Chega dar um. Dalí começou a vida do cara. Acabou o trabalho, acabou o estudo, agora só quer saber daquilo, só daquilo. Pô viado, é a mesma coisa. Pô, se o cara for até lá, pô os cara vão começar a me circular, ficar olhando aqui assim para ele. Pô, esse cara é tal, esse cara é isso. Se ele deu mole pode crer, se ele deu bola, dançou. Pô, agora eu entrei prá lá, entrei na minha. Briguei lá umas cinco vezes só. Briguei na FUNABEM. Briguei por causa de bola. Briguei só por causa de parada boba lá. (...) Castigo era só cubículo. Um quarto escuro aqui assim. Botava o cara lá e esquecia do cara (...) Fugir? Prá que? Eu ia pra onde ... O negócio é enfrentar a barra do jeito que ela é. (...) (A relação com os inspetores) Com alguns era boa. Eu já quase cometi uma morte já. Então eu fui e pensei duas vezes. Não pô, nem enfrentei a vida ainda, nem sou pai ainda, nem casei ainda, porra já vou pra cadeia já. Vou deixar passar esta. Eu ia cometer um crime lá na FUNABEM. Aí pensei duas vezes. Se eu não penso, se ajo por instinto, que nem animal, hoje eu tava aí preso por assassinato. Porque FUNABEM é foda. Se o inspetor bater uma vez, assim, bateu uma vez, o cara deixou, ele servou. Agora ele bateu o cara

reagiu, aí tá ele já tica logo na atividade, logo. Então pô, os coroas lá, pô, tá certo, pô, só grande e tal, os cara vieram me bater. Pô eu falo: O ... acabou já, pô, pô, eu grandão meu corpão apanhando. Pô, os cara me bater na frente de molequinho aqui assim, passando a maior vergonha, não! Eu não posso deixar os coroas vir assim em dois, né. Vem em dois ou em três, os caras coroas assim grande, pô os coroas lá um só não vai dar, então eles vem em dois e vem em três. Aí então um lá me agarrou lá. Aí eu pô, o coroa magrinho, eu falei se eu pegar ele, eu vou matar ele. Pô, então ele ficou me agarrando pela camisa, lá tal. Aí eu fiquei só assim: ‘licença aí’ ... Aí veio outro, ‘segura esse cara aí, que esse cara tá folgado prá caralho, esse cara tá metido pra caramba’. Pô, aí veio de dois né, então tá, eles me agarraram, me deram um. Pô, tinha um pedaço de ferro assim, eu fui assim e falei se pegar esse ferro aqui, se eu roubar ele aqui assim eu vou matar esse ou aquele ali. Então eu fui e falei: ‘Se vocês quiser conversar, vocês vão ter que me largar e conversar’. ‘Não, tu vai pro cubículo agora! Pô se você acha que eu devo entrar aqui, fica comendo comida sacaneada, fica brancão ali dentro não. E eu não vou entrar ali dentro não. “Então a gente te bota ali.’ Aí eu cheguei e disse: ‘tenta aí’. Eles vieram, fui e peguei aqui assim, pô, peguei esse pedaço de ferro aqui, assim pô, o coroa me deu a maior linha, assim pra mim acertar a cabeça dele, quando eu ia acertar, eu pensei: pô, não, tô muito novo pra cair na cadeia, não casei ainda, não aproveitei a vida e já vou ficar preso. Eu fui e larguei o pau e eles foram e me deram ideia. Dá ideia é conversar, pô, na moral, conversar calmo. Eles queriam é, ‘não é nada disso e tal’. Aí aceitei a ideia dele e fiquei numa boa. (Marcelo, 18 anos).

Todas essas violências, narradas acima, vividas no cotidiano do internato, sem que o ‘menor’ tenha direito a fazer queixa, denúncia ou escapar desse ambiente desumano, certamente marcam uns e outros mesmo que de forma diferente. O que podemos dizer na presente fase deste estudo, é que alguns, em geral, mas não necessariamente, aqueles que não têm qualquer referência familiar, são mais massacrados. Certamente os mais sensíveis e aqueles que não descobrem uma forma de conviver com esta violência, se revoltam, se confrontam e se expõem ainda mais ao “porrete” e aos

atos arbitrários dos funcionários, muitas das vezes, com a cumplicidade das autoridades locais.

### **3. Considerações sobre a homologia das representações acerca das estruturas das instituições totais**

O conceito de instituição total é importante neste trabalho não só porque partilhamos da ideia de que o internato tem o funcionamento de uma instituição total<sup>10</sup>, e por conseguinte marca fortemente a criança e o adolescente que ali vivem, como também por ser uma característica de outras instituições pelas quais os indivíduos passam após serem desligados dos internatos.

As instituições totais, conforme estudo de Goffman, referem-se, notadamente, aos manicômios, às prisões e aos conventos. Outras instituições, apesar de não terem as características indicadas pelo autor citado, têm, entretanto, uma estrutura de funcionamento semelhante. Neste sentido, fazemos referência às Forças Armadas, neste estudo, que apesar de não ser uma instituição fechada, seu funcionamento se assemelha ao de uma instituição total. Dessa forma gostaríamos de fazer algumas considerações preliminares, no sentido de como a ideologia subjacente ao funcionamento do internato (nesta década) inculca padrões de comportamento e/ou induz o indivíduo a se encaminhar na vida, de tal forma, que tenderá a se manter ligado às instituições que tenham características totalizantes.

a) Seguir as Forças Armadas é o sonho maior inculcado como ideal dentro do internato e é considerado a justificativa principal para se disciplinar precocemente as crianças e adolescentes. Isto é feito de maneira explícita e veiculado através dos funcionários que lidam diretamente com o aluno (Altoé, 1990).

b) Levantamos ainda a hipótese de que o funcionamento institucional, além de indicar para o interno que ele é um marginal, já o prepara para enfrentar a vida com as punições usuais utilizadas pela sociedade para aquelas pessoas consideradas marginais. Muitos estudos (Altoé, 1990, Guirado, 1986) corroboraram para esta

<sup>10</sup> Guirados no seu livro “Psicologia Institucional”, 1989, p. X, classifica as “instituições de menores” como instituições totais.

hipótese ao analisar não só pressupostos institucionais em relação ao “menor”, como se fossem marginais, mas também pelo funcionamento disciplinar, punições e burocracia que buscam mostrar ao indivíduo o que é uma delegacia, um julgamento ou uma cadeia.

c) Temos algumas indicações que, apesar de serem dados ainda pouco organizados, nos mostram como o indivíduo é tratado como “louco” quando expressa seu sofrimento pelo confinamento ao qual é submetido ainda criança, ou faz reivindicação e se revolta frontalmente com as autoridades institucionais. O livro autobiográfico de Collen oferece dados ricos neste sentido (Collen, 1987).

Pela delimitação de nosso estudo atual, não nos cabe aqui fazer maiores considerações sobre estas graves questões que levantamos, mas faremos considerações que corroboram para esses indicadores acima citados, analisando a vida das pessoas que saem dos internatos.

No nosso estudo sobre o encaminhamento na sociedade de jovens que viveram em internatos tivemos a oportunidade de entrevistar aqueles que participam ou participaram das Forças Armadas e aqueles que estão na prisão. Tivemos informações sobre a existência de outros que estão em hospitais ou colônias psiquiátricas, mas que por dificuldades inerentes às condições de pesquisa não chegamos a explorar estas situações. Assim, falaremos aqui especificamente das homologias das representações das estruturas das instituições totais considerando o internato, a penitenciária e as Forças Armadas.

#### ***– Homologia das Estruturas das Instituições Totais***

A homologia das estruturas do internato e do quartel é tão marcante que os entrevistados ao falarem dessas instituições, muitas vezes, no minavam uma pela outra, nem sempre percebendo o lapso que haviam cometido. Uma das primeiras características que se dão conta, no que se refere às semelhanças do internato com o quartel e com a prisão, diz respeito à estrutura hierárquica. A percepção parcial ou global desta estrutura lhes permite considerar que se trata do mesmo tipo de instituição total vivenciada no internato. Desta forma

a situação nova que se lhes apresentava era identificada com a anterior, fazendo com que rapidamente pudessem saber como lidar com a situação. Vejamos nos primeiros exemplos o quartel e no último, a prisão:

– Fiquei em casa esperando passar o tempo. Aí veio o quartel, carreira militar; tentei pensando que era uma coisa nova. Mas nada novo. Era a mesma coisa. Pelo que eu pude ver da vida militar para a vida do colégio, onde eu estava, era bastante parecido. Na disciplina, na maneira como eles tratavam a gente, é parecidíssimo. Tanto é que eu conversei com o Heraldo uma vez, ele também serviu, aí a gente fomos juntando as peças pra ver o que dava. Aí fizemos uma brincadeirinha: botou cabos no lugar de monitores, sargento no lugar de inspetores, e botava o chefe de disciplina no lugar do comandante da companhia. Fica parecidíssimo mesmo! E o coronel no lugar do diretor. No caso, o (diretor) que tinha aquelas formaturas, que ele falava aos domingos. Sempre faziam isso com a gente lá! E tinha o general que a gente pode colocar no lugar da (provedora). Tinha a banda, tinha aquele negócio todo, chegava o general num carro preto, tinha tudo isso lá, parecido assim. Os alunos era os soldados, ficavam lá pra o que der e vier. Aí quer dizer, eu não achei muita diferença não, eu não gostei não! Era bastante parecido com o colégio interno, sinceramente eu não gostava do colégio interno. Tava enjoado daquela vida! Imaginava passar a vida toda no mesmo esquema.

(Você se adaptou bem ao sistema do quartel?)

– Pra mim foi fácil, porque eu já vinha antes de uma vida parecida. Então o pessoal até estranhava ‘pô parece até que você já é velho aqui dentro’. É, o pessoal falava pra mim, parece que você já tem mais de não sei quantos anos de quartel, porque eu sempre me saí bem, me safava bem das situações, aí comecei a ver que era parecido demais; que eles queriam fazer o mesmo no colégio interno, de preferência a Escola Rodolfo Fuks, principalmente né, era tomar a escola como um quartel. É, eles queriam torná-la um quartel. (Mauro, 26 anos).

– Eu aconselharia aos pais e as mães não colocar o seu filho no colégio interno. Porque colégio interno não procura assim, vamos dizer, melhor instruir o garoto cá pra fora. Ele ensina um regime pro garoto como se fosse um regime de quartel, é

como se diz o colégio interno é assim o aluno é o soldado, os monitores são cabos, os inspetores são sargentos, o chefe de disciplina no caso é o coronel, o subdiretor é o major né, e assim vai e diretor é o comandante de todo mundo, tipo um quartel, um regime, então, é como eu falei, o colégio interno não prepara o garoto pra vida lá fora, ele instrui ali dentro o que ele tem que fazer lá dentro, o que não pode saber, o horário de café o horário do almoço da escola da oficina, só isso é sempre aquela vida cotidiana, sabe a mesma coisa todo dia, todo dia nunca tem assim uma variação, não tem uma reunião que deveria te mostrar o que tá acontecendo aqui fora qual o procedimento que nós temos que usar pra poder se sair melhor na sociedade a maneira como a gente tem que agir porque, olha só, eu fico olhando muitas coisas lá dentro, às vezes, você quer fazer uma coisa mas não tem ninguém pra te dar aquele empurrão, sabe. (João Carlos, 20 anos)

– Ajudou no ritmo de vivência, porque no colégio interno era trabalhar e estudar; então quando eu cheguei na cadeia, o colégio interno também é um sistema fechado – só que não tem muros – então, ali eu vivi com outras pessoas, aprendi a respeitar o direito de outras pessoas. Ao chegar aqui na cadeia encontrei a mesma coisa, fui trabalhar e o rapaz falava” monitor”. No colégio interno também tinha monitor, então eu fiz uma relação; passei a viver aqui, como eu vivia lá. Falar pouco, estudar e trabalhar. Então a partir dali, eu vivi bem, aparentemente, porque quem vive na cadeia não vive bem ... (Henrique, 33 anos).

A grande maioria dos ex-internos considera que gostaria de ter entrado para as Forças Armadas. Poucos são aqueles, entretanto, que conseguem realizar o sonho de ingressar e seguir carreira. Seja porque os próprios internos não se adaptam a vida do quartel, seja porque são dispensados pela instituição. Sobretudo na década de 1980, servir às Forças Armadas passou a ser uma fase de transição para o jovem ao sair do internato e se situar no mundo. Uma das diferenças importantes é que nesta nova experiência ele não é mais tratado como “menor”. É uma introdução institucionalizada no mundo adulto, onde ele não conta com a proteção que, enquanto “menor” tem direito.

O que se percebe, entretanto, é que o grande sonho de seguir as Forças Armadas não é para o interno uma entre outras opções. É

muito mais um sonho inculcado pelos agentes institucionais, que consideram ser este um dos poucos caminhos existentes para o indivíduo seguir ao sair do internato. Muitos entram para servir o quartel e ao perceberem as semelhanças com a vida do internato, acabam desistindo do sonho acalentado. Servir o quartel é considerado, não só pelas autoridades institucionais, como uma fase de transição entre o internato e a vida fora dele, como também é assim percebido pelos alunos. É uma das vantagens vista pelos ex-internos como muito importante, é o novo documento, a nova identidade, que adquirem ao sair – o certificado de reservista passa a ser sua identidade e não mais o rótulo de ex-aluno da FUNABEM.

– A minha saída não foi direta, quer dizer, eu ia pra casa, eu sabia a posição que eu queria, o que eu não queria, então optei por um quartel, né. Então, eu sair do quartel, sair da FUNABEM e ir pro quartel eu senti que, um ponto que eu acho que foi bom, é eu senti que o colégio interno ele quer viver tipo um quartel, sabe. Porque o que você vê dentro do colégio interno, é a mesma coisa. Aqui no quartel, você humilha muito o outro. E aqui você vai ter que fazer. Você é um cachorro! É isso! É a mesma coisa, você é isso, aí xinga a pessoa. Então a mesma coisa que acontece num quartel acontece num colégio interno, que não podia acontecer. E eles falam assim, aí a gente entra numa formatura num colégio interno, ‘vocês vão aprendê a marchar porque quando for num quartel, você já sabe marchar’. Pra você vê a visão deles é preparar um aluno prum quartel. Aí a gente pensa – os outros que nunca foi num quartel, não aprende? Uma pessoa que nunca foi interno, quando chega lá não aprende? Porque eu vou aprendê logo agora? Não tem nada a ver! Tanto que a pessoa quando chega num quartel ele já tá super saturado, porque já viveu uma vida de colégio interno e chega lá vai ter outra vida presa. Tanto que você vê no quartel, eu tive por certa parte, muita sorte, quer dizer, um quartel bão, outras coisas facilitô mais pra mim lá dentro. Quer dizer, eu tive facilidade, não fui aquele cara de ralar, fazer aquelas coisas. Mas eu falei pra minha mãe – ‘eu fico no quartel um ano e chega, prefiro trabalhar, viver a minha vida’. Porque vivi 8 anos praticamente preso naquele regime e, depois passar mais um tempo no quartel com aquele regime! Quer dizer, qual vai

ser a vida? A pessoa vai ficar super bitolada, né, não vai aprender nada!

– (Então não foi opção sua ir pro quartel?)

– A opção em ir assim foi minha, mas eu fui mais pro quartel, assim como se diz, você vai pro quartel servir porque assim pelo menos você tem facilidade. Às vezes, na sociedade, você tem uma instrução como quartel, você quer trabalhar numa outra coisa, você tem certificado de primeira, então isso foi uma das primeiras coisa, porque do contrário, eu não ia querer ver um quartel nem pintado de ouro.

É interessante observar também na fala do entrevistado que a mesma contradição, que surge ao falarem do internato, insinua-se também ao falarem das Forças Armadas. Mesmo que falem do “sufoco” que viveram, falam da experiência como tendo sido “boa”. Poucos são aqueles que conseguem fazer uma formulação clara e crítica de quanto se sentiram atingidos pela violência institucional. O que se percebe é que esses que conseguem são, em geral, aqueles que logram reformular e transformar suas vidas dando a ela novos caminhos, sem seguir os já delineados pela instituição de “menores”.

– Nesse período que eu fique na aeronáutica, eu via tudo branco, sabe, recebendo ordem. Pô, nessa mesma posição? Não sei, vou esperar janeiro de 1983 e se eu não conseguir até lá (ser promovido) eu peço baixa ... Então aconteceu um lance engraçado porque eu prestei exame pra especialista ... Pra mim era um passe pra minha vida. Eu passando pra especialista, eu ia ficar dois anos na escola e ia fazer a escola de sargento da aeronáutica. Puxa, uma glória! Com 22 anos, eu praticamente estava formado. Era só estudar. Mas eu não passei. Aí aquilo para mim foi uma desilusão. Teria a aeronáutica como um sonho pra mim. Pedi baixa. Nesse período sabe, eu vivi uma vida gostosa ali dentro, fiz muitas amizades. Fase, assim, bonita! Aquela fase de amigos, passa a mesma dificuldade, o mesmo sufoco sabe, as experiências negativas, tudo ali dentro, né? Porque é uma barra a situação quando você é soldado! Então pra mim foi ótimo, foi gostoso à beça. Então pra mim aquilo foi gratificante, mas não a ponto de me convencer a ficar mais. Eu me convenci ali mesmo que eu não podia mais ficar, não tinha mais condições de ficar ali. Aí eu passei a ter uma visão bem mais ampla daqui de fora. Já estava mais solidário, com a sociedade. Já

sabia me definir, já tava com 19 ou 20 anos. (Fernando, 25 anos).

Tem também aqueles que, tendo vivido praticamente toda sua vida até os 18 anos dentro do internato, se adaptam ao regime disciplinar das Forças Armadas percebendo-o como mais liberal e onde os seus direitos individuais são mais respeitados.

– No quartel tenho uma vida de trabalho de 8:00 às 16:00h. Tenho mais liberdade de falar apesar de que o quartel tem o seu regime, então a gente tem que obedecer. Mas muita coisa a gente procura dialogar com o chefe, com os nossos superiores pra entrar em entendimento, porque se a gente discutir, não vai levar ao caso. Mas lá eu tenho mais liberdade! Saio quando eu quero alguma coisa. Eu vou lá e peço; se eles acharem que tá no meu direito eles me dão; se achar não tá, eles não me dão. Já no colégio interno não. Se eu pedir alguma coisa, eles achar que não deve dá, não dá e acabou, não adianta você ficar insistindo. Se bobear você fica de castigo ou então eles te dão um tapa pra você sair fora. Mas lá não. Mas isso sobre em matéria de comida, é boa, não tenho nada a reclamar, tenho refeição, minha Educação Física, então é legal não me arrependo de entrar em colé ... na vida militar não. A vida militar até que eu gosto. Eu tô há dois anos na vida militar; vai fazer 3 anos esse ano agora; se Deus quiser vou fazer o curso de cabo; e ver se eu continuo na vida militar. Vamos ver. (João Carlos, 20 anos).

João Carlos é o exemplo que poderíamos citar da eficácia dos métodos de disciplina e de inculcação de valores. São os bem sucedidos. São aqueles que entram na ordem do sistema sem causar problemas, sem rupturas, sem revolta. E se colocam à serviço da pátria. Outros, entretanto, não conseguem sair do internato e entrar nas Forças Armadas somente com os hábitos disciplinares esperados. Trazem consigo também os “maus hábitos” aprendidos na vida do internato. Esses hábitos, se antes eram tolerados no internato enquanto o indivíduo era “menor”, no quartel, são motivos para expulsão sumária.

– ‘Muitos colegas iam, mas muitos saíam também expulsos por maus hábitos’. Roubo, pequenos roubos, furtos, às vezes, até de besteira, que poderia ser relevado para o elemento, desse a chance a ele, dava um corretivo nele e não botasse o

elemento na rua, por roubar um par de ‘buti’. É um absurdo isso! Mas acontecia muito. Ou, então, por problemas de tóxicos; às vezes o elemento já vinha com aquele vício e era pego fazendo no quartel e era expulso, quando ele deveria ser pego e levado para um tratamento, ver bem para dar uma chance para ele, evitar que ele entre naquela coisa do vício. (João, 31 anos).

### – *Homologia dos Procedimentos das Instituições Totais*

O funcionamento institucional do internato, a disciplina rígida, os castigos, o tipo de relacionamento entre funcionários e internos se assemelham, tanto com o quartel, como com a prisão. E como uma instituição total, o internato permanece sempre o mesmo, num funcionamento impermeável às mudanças, sem levar em consideração que sua clientela é de crianças e jovens em idade de crescimento e formação.

Desde pequenos os jovens são treinados dentro de uma rígida disciplina e aprendem a fazer ordem-unida, sendo vislumbrado para eles, e inculcado, como ideal, ser militar na vida adulta. Depois que são desligados, percebem no cotidiano – alguns poucos conseguem falar sobre esta questão com clareza – que a formação ali oferecida só é útil para a vida dentro da instituição total. Quando saem e não são aproveitados para as Forças Armadas, se veem perdidos num mundo desconhecido, sem qualquer familiaridade e sem instrumentos ou preparo que os capacite à entrada na vida social. Entre a disciplina rígida e o ócio, pouca coisa aprenderam que os possibilite a entrar na vida social fortalecidos, seja pelas habilidades pessoais, seja pela escolaridade ou formação profissional.

– ... O que você achava da escola quando você estava lá dentro? Modificou o que você pensava da escola agora que você saiu? – Não modificou não! Porque o colégio interno é tipo uma cadeia. Você aprende aquele regime ali dentro, sabe, e aquele regime vai ser sempre debatido. Tanto tempo que você ficar lá dentro vai ser sempre aquilo ali. Então entra ano, sai ano, vai ser sempre a mesma coisa, nunca melhora nem piora! Fica ali estabilizado. Nunca sai daquilo ali. O colégio interno deveria melhorar, mas nunca melhora. (João Carlos, 20 anos).

Além da relação mediada pela disciplina, pouco acontece entre o funcionário do internato e o interno. O funcionário, tendo que atender as crianças ou jovens dentro de um sistema de atendimento desumano, ele também acaba incorporando esta característica como rotineira. Com o tempo ele assimila o funcionamento institucional como natural, já que não consegue escapar ou transformar suas regras. E uma delas é tratar o interno como “mais um” na “massa indiferenciada”. E seu trabalho consiste em organizar as atividades rotineiras sem se relacionar afetivamente. Desta forma, fica mais fácil realizar seu trabalho. Não há espaço para considerar as individualidades ou necessidades individuais. Além da disciplina geral, tem o castigo geral – tudo é “geral”. Ou seja, só se considera o “coletivo”. Se este tipo de aprendizado não prepara o jovem para vida adulta em sociedade, certamente o prepara para a maioridade na cadeia. Vejamos no depoimento abaixo.

– Não, não, isso não existe (conversa). Ele acha que ele está ali para olhar, evitar que o menor passe daqui para lá, então ele fica ali no posto dele só para olhar. É como acontece aqui. O guarda não tem uma aproximação com o interno, mas na hora de punir ele pune o interno por uma falta que transgredir as normas dele, as normas da casa. Mas ele por si só entra no posto dele, sabe que tem que ficar ali por 24 horas, então ele entra ali não procura se aproximar. Às vezes, o interno tá lá e precisa conversar e precisa botar para fora e precisa até se acertar, ele não se acerta porque ele não se encontra. Ninguém oferece a condição para ele se encontrar ... Tipo tentar puxar pela pessoa para ver aquilo que ela tem por dentro, de externar o lado dela, o lado certo, o interessante da coisa. Isso é uma das grandes coisas da FUNABEM. (...) É, é a realidade, eu acredito que o elemento da FUNABEM esteja muito mais preparado para enfrentar uma prisão, porque o sistema é o mesmo, vai levar na mesma direção. A realidade é essa. (João, 31 anos).

Se, conforme os estudos de Goffman, viver numa instituição total na vida adulta (prisão, hospício ou convento) marca o indivíduo, podemos dizer que, – apesar de ainda escassos os estudos feitos sobre a repercussão na formação do sujeito que passa sua infância e adolescência em instituições totais, – sabemos que este tipo de funcionamento tende a infantilizar, assujeitar e dificultar o

desenvolvimento psicológico, da criatividade e da inteligência. (Cf. Winnicott, 1987; Altoé, 1990).

Precisamos ainda nos deter no estudo das repercussões psicológicas que levam o indivíduo a se isolar, a buscar solidão, como também ter mais claro o que leva o indivíduo a se tornar muito agressivo ou, ainda, enveredar pelo caminho da delinquência. Os entrevistados nos falam, às vezes claramente, sobre algumas das consequências, mas considero que este estudo merece ser desenvolvido no que se refere à formação do sujeito e de sua identidade. Vejamos, no depoimento abaixo, um exemplo de assujeitamento sistemático que o interno vive, tanto no internato, como na prisão.

– A vida que eu tinha no internato, é mais ou menos a vida que eu vejo agora aqui na cadeia. Eu vejo a prisão, tem toda aquela coisa que a FUNABEM tinha, que o colégio interno tem, ou seja, a coisa de turminhas, de tóxicos, de agressividade. Veja bem, tem pessoas que nunca tiveram problemas de família, mas quando estão presos a coisa reflete como se ela fosse uma pessoa problemática de família, passasse por toda aquela coisa de irresponsabilidade de pais, etc ... As atitudes do interno, do colégio interno, são bem parecidas com as do preso. É interessante isso! Às vezes eu tico avaliando um companheiro ou outro, e aquela coisa que eu sentia na FUNABEM, aquela insegurança que a pessoa transmite, hoje já adulta, que de repente é a mesma coisa que eu via num companheiro da FUNABEM.

(...) A diretora lá do sistema (prisão), ela pune toda a unidade porque houve crimes. Mas quando eles não têm uma maneira de isolar as pessoas que fizeram isso, ou até mesmo de chegar às pessoas que fizeram isso, ela pune geral e isso na FUNABEM existia também. Muitas vezes, um interno cometia uma falta grave ou algo que pudesse prejudicar administrativamente a FUNABEM, ou o inspetor, ou a diretora, ou uma professora, então quando vinha a punição, ela não vinha especificamente para aquela pessoa que fez. Isso tem muito haver, porque muitas pessoas passam a sofrer sem ter cometido aquele ato. Isto, então, cria uma camada de rancor, de mágoa e que fatalmente vai influir na cabeça daquele que está passando por aquele problema. Já aconteceu um fato que é desagradável para ele mesmo, e sofre, porque

sofreu o reflexo daquilo através de uma punição. Isso acontece na FUNABEM, e na penitenciária, e isso tem muita influência. (João, 31 anos).

A análise dos depoimentos mostra com clareza como a dinâmica e organização do internato, nos moldes de uma instituição total, deixa marcas no indivíduo que passa ali anos significativos de sua infância e adolescência estas marcas se mostram presentes nestes indivíduos, na mocidade, influenciando sua trajetória e sua forma de inserção na vida social.